



## ORIENTE MÉDIO

# O aliado virou encresnca

Insistência de Israel em seguir agenda própria na guerra contra o Hezbollah, no Líbano, transforma-se no principal obstáculo, para Trump, na busca de um acordo para encerrar a guerra de desgaste com o Irã

» SILVIO QUEIROZ

O Departamento de Estado norte-americano recebeu ontem os embaixadores de Israel e do Líbano em Washington para uma nova rodada de negociações diretas destinadas a encerrar a ofensiva militar israelense no sul libanês — desdobramento da guerra iniciada em 28 de fevereiro pelos EUA e Israel contra o Irã, há três meses. O anfitrião, o secretário Marco Rubio, disse estar convencido de que as partes poderiam assinar a paz “já amanhã”, não fosse a interferência do movimento xiita libanês Hezbollah. A percepção, no entanto, parece destoar do tom de uma tensa conversa mantida por telefone, na véspera, entre Donald Trump e o premiê Benjamin Netanyahu: de acordo com fontes da Casa Branca, citadas pelo portal norte-americano Axios, o presidente dos EUA teria acusado o aliado de se interpor a um acordo entre Washington e o regime islâmico de Teerã, que impõe um cessar-fogo efetivo no Líbano como condição para o encerramento do conflito.

“Israel não tem nenhuma reivindicação territorial no Líbano. O Hezbollah é o único obstáculo”, afirmou Rubio em audiência na Comissão de Relações Exteriores do Senado. “Sem o Irã, não existiria Hezbollah”, explicou. As versões vazadas para o Axios, no entanto, sugerem que Trump vê Israel como um empecilho para pôr fim a um conflito que castiga a economia dos EUA — e do mundo — e projeta dificuldades para o presidente nas eleições legislativas de novembro. “O mundo inteiro odeia você, e por isso odeia Israel”, teria dito o presidente ao premiê, no telefonema, segundo o portal. “Você está completamente louco!”, teria esbravejado, referindo-se à ampliação da ofensiva israelense no Líbano, incluindo a retomada dos ataques aéreos à capital, Beirute.

“As decisões de Netanyahu sobre a continuidade dos ataques ao Líbano têm prejudicado os interesses dos EUA. Portanto, é um aliado que está se tornando problemático para os interesses do presidente Trump de encerrar a guerra”, disse ao **Correio** o professor de relações internacionais Gunther Rudzitz, da ESPM. A escalada

Kawnat Haju/AFP



Terra arrasada após bombardeio em subúrbio de Tiro, no sul do Líbano: ofensiva israelense alimenta resistências do Irã e irrita Washington



**A agenda própria de Netanyahu tem feito o governo dos EUA refém no Oriente Médio todo”**

**Gunther Rudzitz,**  
professor de relações internacionais da ESPM

ESPM, o premiê israelense, que enfrentará em setembro uma crítica eleição legislativa, opera com objetivos próprios que se estendem para além do Líbano e condicionam as opções dos EUA. “Não é só sobre o Líbano: é em relação a todo o Oriente Médio”, explica. “Ao que tudo indica, está se confirmando que essa guerra começou por uma ideia e uma promessa de Netanyahu a Trump, de que o regime iraniano cairia”, afirma Rudzitz. “A agenda própria de Netanyahu tem feito o governo dos EUA refém no Oriente Médio todo.”

### Contra o relógio

Cada um com os próprios desafios pela frente, o presidente dos EUA e o premiê de Israel tomam decisões e dão passos com o horizonte nas urnas — mas operam com os relógios em fusos horários distintos. “São os EUA que têm pressa para fechar um acordo de paz”, analisa o professor. “Trump tem pressa: quanto mais a guerra perdurar, mais alta vai ser a inflação nos EUA, principalmente nos combustíveis. Estão chegando as férias de verão, os americanos viajam muito de carro, e é certo que isso vai prejudicar o Partido Republicano na disputa pela Câmara dos Deputados.”

Rudzitz avalia que o Irã, ao contrário, parece ver o tempo correndo a seu favor. “O regime iraniano tem menos pressa, porque não foi derrotado, continua no poder e tem o controle quase total do Estreito de Ormuz: só estão passando navios que o governo de Teerã permite, por serem de países aliados ou pagarem pedágio”, avalia. “Do ponto de vista político, eles ganharam essa guerra. Por isso mesmo, não têm a menor urgência em fechar um acordo.”

### Palavra de especialista

## Não é bom pra os EUA

**JULIANO CORTINHAS, professor de relações internacionais da UnB**

*A ligação dos Estados Unidos com Israel é muito antiga, vem desde a criação do Estado de Israel, em 1948, e até antes, pela presença dos judeus na formação do povo norte-americano. Há toda uma ligação financeira, comercial, política — são laços muito tradicionais. Uma obra clássica que fala sobre isso é O lobby israelense e a política externa*

*dos EUA, de John Mearshimer e Stephen Walt, que traz dados e números a respeito. Descreve a forma como essa construção é feita no dia a dia.*

*Não vejo essa como uma relação saudável para os EUA, em nenhum momento. Eles perdem a capacidade de se posicionarem no Oriente Médio como um país que poderia trazer mais estabilidade para a região. Se eles apoiam Israel, isso compromete a participação do país como um ator que pudesse favorecer essa estabilidade.*

*O problema é que eles se distanciam cada vez mais disso.*

*É nesse momento que estamos: os EUA enfraquecidos no sistema internacional, sem grandes condições de atuar para resolver acordos, alcançar a paz. E, ao mesmo tempo, presos a Netanyahu. Então, me parece que Trump é muito mal assessorado. Essa é, hoje, uma relação prejudicial ao interesse nacional dos EUA, que seria muito mais de trazer paz e estabilizar o sistema de relações internacionais.*

Arquivo Pessoal



de violência entre Israel e o Hezbollah entrou sem rodeios na pauta entre Washington e Teerã no início da semana, quando porta-vozes iranianos anunciaram a suspensão das negociações — indiretas — até

que entre em vigor um “cessar-fogo efetivo” no Líbano.

Na noite de segunda-feira, Trump anunciou ter recebido de Netanyahu a garantia de poupar Beirute, ao que a milícia xiita teria

respondido com a promessa de cessar as próprias ações militares. “O Hezbollah concordou em deixar de disparar contra Israel e seus soldados. Da mesma forma, Israel concordou em deixar

de disparar contra eles. Vejamos quanto isso dura; tomara que seja pela eternidade!”, escreveu o presidente norte-americano em sua plataforma, a Truth Social.

Na avaliação do estudioso da

## GUERRA NO LESTE EUROPEU

# Mísseis e drones russos matam 23 na Ucrânia

» RODRIGO CRAVEIRO

Foi uma noite de terror para os moradores da capital da Ucrânia, Kiev, e de Dnipro, no sudeste do país. Enquanto as atenções do mundo se voltavam para o conflito entre Estados Unidos, Israel e Irã, a Rússia realizou um dos mais letais ataques à ex-república soviética. Durante a madrugada de ontem, centenas de drones e dezenas de mísseis balísticos foram disparados pelas forças de Vladimir Putin contra a Ucrânia, deixando pelo menos 23 mortos. “Hoje (terça-feira), foi um dia difícil, depois uma massiva ofensiva russa. (...) Mais uma vez, estamos enfrentando ameaças aéreas. Os ataques russos ceifaram 22 vidas em Kiev e em Dnipro, inclusive de crianças. Estamos fazendo de tudo para proteger nosso povo, nossas cidades e nossas comunidades”, escreveu o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, na rede social X.

“O nível atual de suprimentos da defesa área não nos permite interceptar uma partilha importante de mísseis. Na noite passada,

Roman Pilipey/AFP



Morador de Kiev se esconde atrás de parede durante bombardeios

houve impactos diretos”, lamentou Zelensky, em outra mensagem de vídeo no X. Ele cobrou uma postura proativa de aliados. “Todos os nossos parceiros, e todos na Europa, devem continuar trabalhando juntos para garantir mísseis para nossa defesa aérea, bem como os sistemas, informações críticas e outros recursos que ajudam a

salvar vidas. É cristalino que a Europa precisa de seu próprio sistema antibalístico com capacidade e poder suficientes para garantir proteção contra qualquer ameaça. Se a Ucrânia não estiver protegida contra mísseis e outros projéteis, esses ataques continuarão”, acrescentou. Várias horas depois dos bombardeios, socorristas ainda

removiam corpos de escombros dos prédios atingidos. O ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Andrii Sibiga, acusou Putin de não ter “mais cartas além do terror” e assegurou que “Moscou está perdendo no campo de batalha”. Morador de Kiev, Peter Zalmanyev — diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative — explicou ao

**Correio** que o Kremlin está sentindo o impacto gigantesco das sanções financeiras, além das consequências da guerra, como a inflação crescente e problemas econômicos. “O governo russo tem cavado um buraco cada vez mais profundo para si mesmo, e tenta cortar gastos na educação e na saúde, mas não em sua guerra.”

### Eu acho...

*“Cidadãos da Europa e de outras regiões demonstram forte apoio à Ucrânia. A China, basicamente, apoia a Rússia. Seria hipocrisia afirmar que os chineses adotaram a neutralidade. Estou muito surpreso por não haver uma reação forte do Brasil, da Índia e da África do Sul. O mundo deveria dar um basta a essa matança. Isso é muito frustrante para nós.”*

**OLEXIY HARAN, professor de política comparada da Universidade de Kiev-Mohyla**

Arquivo pessoal



Professor de política comparada da Universidade de Kiev-Mohyla, Olexiy Haran relatou uma madrugada de medo. “Durante a madrugada (desta terça-feira), o barulho das interceptações dos mísseis pelas baterias antiaéreas foi muito assustador. Sou velho demais para correr até o abrigo, mas 40 mil adultos e crianças passaram a noite nos bunkers e estações de metrô. Minha filha caçula precisou se proteger no abrigo. Pela manhã, tentou pegar o metrô, mas não conseguiu trabalhar, pois os trens atrasaram em duas horas.”

Muitos alunos de Haran pediram-lhe que adiasse as aulas desta terça-feira, porque precisaram dormir na primeira metade do dia, depois de uma noite difícil. “A vida continua. Nós seguimos tentando descansar, até soar o alarme antiaéreo e até vermos prédios em ruínas. O front segue em um impasse: em alguns locais, os nossos soldados estão liberando pequenas porções dos territórios ucranianos. Temos realizado ataques dentro do território russo”, disse Haran.